



CINE TEXTOS

Informação reunida e trabalhada para apoio à exibição em sala de cinema, em contexto de formação de públicos, orientada para alunos do ensino secundário e superior, no âmbito dos **FILMES FALADOS**, dos **X Encontros de Viana – Cinema e Vídeo** (2010).

Autoria dos textos e orientação : Fabrice Schurmans.

Produção : AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual.

O VISITANTE

Título original: The Visitor

Realização: Thomas McCarthy

Género: Drama, Romance

Classificação: M/12

Outros dados: EUA, 2007, Cores, 104 min.



AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | ao-norte@nortenet.pt | www.ao-norte.com

Resumo

Walter Vale é professor de Economia numa pequena universidade do Connecticut. Vive sozinho numa mansão depois de ter perdido a esposa, uma grande pianista. Evidencia um profundo tédio, que se traduz, na vida profissional, pela repetição do mesmo programa no decorrer dos anos e, na vida privada, pela aprendizagem obstinada de um instrumento para o qual não tem vocação (o piano).

Quando um colega lhe pede para apresentar um trabalho científico numa universidade em Nova Iorque, Walter recusa inicialmente invocando as aulas e um livro que estaria a escrever; mas acaba por confessar que não escrevera o referido trabalho científico, apenas o assinara como autor.

Tudo muda quando se depara com um casal a viver no seu apartamento em Nova Iorque: Tarek e Zainab, dois imigrantes ilegais. Tanto Walter como Tarek e Zainab ficam surpreendidos pela intrusão, pois os segundos julgavam ter arrendado um apartamento disponível. Depois de uma ligeira hesitação, levado pela sua profunda solidão, Walter propõe-lhes que fiquem um pouco mais. Descobre que Tarek toca djembe, instrumento oriundo da África ocidental, e que Zainab cria a sua própria bijutaria. Para Walter, o encontro mudará de vez a sua vida, e não só porque abandona o piano para aprender a tocar djembe com Tarek.

Crítica

À semelhança de Walt Kowalski em *Gran Torino*, Vale parece fechado, enclausurado na esfera privada, relutante em se abrir ao mundo. Porém, a semelhança não termina aqui, pois ambos os homens, além de terem quase o mesmo nome (Walt/Walter) e de encontrarem algum reconforto no álcool, perderam a esposa e com ela um certo rumo na vida. Existe em Vale, tal como em Kowalski, uma forte tensão entre o dentro (o privado associado à ausência de vida, à sombra) e o fora (associado à vida, à luz). Em *The Visitor*, há uma sequência de interior (06'34-07'00) no início do filme que o ilustra: Vale cozinha e bebe vinho com ar triste e, a seguir, toca piano na penumbra. Tanto na cozinha como na sala, é filmado em plano de semi-conjunto para, por um lado, se realçar a sensação de solidão numa casa arrumada, mas também, por outro lado, para se manter uma certa distância entre a personagem e o espectador. De facto, está assim duplamente afastado de nós: enquanto personagem inserida numa diegese e enquanto corpo tecnicamente mantido à distância.

Até ao encontro com Tarek e Zainab, Vale aparece quase exclusivamente em sequências de interiores: dentro de casa, no seu gabinete, no carro e sempre filmado em plano americano ou em plano aproximado. A escala de plano é aqui muito significativa pois serve, por um lado, para analisar o rosto da personagem principal e, por outro lado, para insistir na sensação de fechamento. Não seria errado ver neste tipo de planos uma metáfora do tipo de vida levada por Vale. Outro ponto comum com Walt Kowalski: trata-se de homens já velhos, que parecem em parte já ter desistido de viver, mas homens que ainda podem mudar de rumo. A partir deste ponto de vista, *Gran Torino* e *The Visitor* são filmes que falam da esperança. É de realçar igualmente que, tanto no primeiro como no segundo, a esperança vem de fora (nos vários sentidos da palavra): fora de casa, com estrangeiros que os obrigam a *sair* (de casa mas também de si). Por fim, nos dois filmes, a comida desempenha um papel importante (a comida diferente, de *fora* literalmente, que entra na esfera privada) na aceitação do Outro (são de realçar as sequências de almoços e jantares onde Walt/Walter experimentam algo diferente tanto nos sabores como nas relações humanas).

Começa-se a entender a dicotomia que atravessa – ou melhor, que estrutura – *The Visitor* entre o dentro (associado ao tédio) e o fora (associado à vida) quando Walter se depara com jovens músicos a tocar em baldes de plástico num parque de Nova York. É *fora* da Universidade que Walt sente o ritmo, experimenta a pulsação da vida. A seguir, passa um colega que o convida para voltar para *dentro*. Só que, a partir de agora, o *dentro* (tanto a vida íntima de Walt como a sua casa) nunca mais será o mesmo. Encontra-se esta mudança ilustrada na sequência da primeira aula de djembe de Walter com Tarek (22'57-26'26). Walter é mais dotado para a percussão do que para o piano, mas há mais. Lembrar-se-ão da sequência da qual falava há pouco com Walter a tocar piano em casa na penumbra. Agora, numa escala de plano idêntica, temos um Walter em plena luz e sorridente. O plano de semi-conjunto aqui já não realça a solidão de Walter, mas torna-se cinematograficamente necessário para, por um lado, mostrar a luz a iluminar o cenário e, por outro lado, deixar espaço para Tarek. Agora, o espaço fílmico é um espaço partilhado, Walter não andarás mais sozinho.

Existe outra sequência paradigmática neste contexto: depois do concerto no parque, Tarek e Walter caminham juntos em plano americano a meia-perna; aos poucos um *travelling* ótico transforma a escala de plano até acabar em plano de grande conjunto mostrando o parque, as pessoas, a cidade e, por fim, a luz da cidade. Não seria errado defender que a felicidade de Walter cresce à medida do movimento ótico.

Filmes como *The Visitor*, *Gran Torino* ou ainda *Welcome*, por causa da sua temática, encenam «fronteiras» e efeitos de «fronteiras». O filme de McCarthy, sobretudo na segunda parte, representa uma das «fronteiras» mais assustadoras produzidas nas nossas sociedades (os Estados Unidos e a Europa não diferem muito neste aspeto): a que é induzida, por um lado, pela legislação sobre a imigração e, por outro, pela criação de centros de detenção para imigrantes ilegais. Existe uma fronteira entre quem é *cidadão* (tem “papéis”, autorização de residência, paga impostos) e quem é somente *sujeito* (vive nas margens e das margens sociais, é sujeito a diversos tipos de exploração, etc.). Nota-se que a diferença mais óbvia entre o cidadão e o sujeito é mesmo entre quem possui “papéis” e quem não os possui, pois em *The Visitor*, por exemplo, Tarek não agrediu ninguém, não roubou, nem assaltou. No entanto, o seu estatuto de sem-papéis vale-lhe uma encarceração numa prisão que não se assume como tal. Os centros de detenção, muitas vezes construídos nas periferias das cidades, longe dos olhares críticos, bem tentam disfarçar a sua função principal (a detenção) através do anonimato (ausência de nome) de muros que poderiam ser os de uma fábrica, mas, uma vez dentro, tudo (os guardas, a sua organização) os remete para o seu verdadeiro estatuto: prisões.

Do outro lado da «fronteira» assim erguida desaparece o cidadão e aparece o sujeito. Este leva um uniforme que o assemelha a um recluso, perde grande parte dos seus direitos, vive num meio violento, alvo de inúmeras pressões psicológicas e físicas. Até o dispositivo da sala de encontro é mais parecido com o de uma prisão: separação física entre visitante e visitado, comunicação através de um telefone... Os dispositivos de controlo em vigor em tais centros pretendem não deixar nada fora da vista dos guardas. Aliás, Tarek diz que tudo é muito deprimente: não há privacidade, as luzes estão sempre ligadas... O que parece imperar nos centros de detenção pós-11 de Setembro é, sem dúvida, o arbitrário, a perda de direitos, ou seja, justamente o que grande parte dos imigrantes queria deixar para trás ao tentar a sua sorte no Ocidente. O comentário de Mouna, mãe de Tarek, depois de saber que podem transferir os presos sem aviso, ganha assim uma força inesperada: «É como na Síria». No contexto da guerra ao terrorismo encetada à escala global pelos Estados Unidos, a perspetiva crítica o filme é óbvia: o mesmo Estado que leva a guerra para fora em nome da democracia coloca, dentro das suas fronteiras, centenas de milhares de pessoas num território onde desapareceram muitos traços da democracia.

Ter-se-á notado que o único que cruza a «fronteira» física que separa o cidadão do sujeito é o espetador. A montagem coloca-nos de facto alternativamente de cada lado da

barreira de separação. Esta livre circulação do espetador em ambos os lados é, neste contexto, altamente significativa, pois do lado onde se é sujeito (Tarek), noutras circunstâncias, poderíamos estar nós. Os efeitos induzidos pela sedimentação da «fronteira» começam até a afastar Tarek de Walter. Numa das suas visitas (1,13'36), Walter depara-se com um Tarek cada vez mais perturbado porque as autoridades não param de transferir presos sem avisar as famílias do seu destino. Em grande plano à altura do pescoço, Tarek diz a Walter que não pode sentir o que a encarceração significa («*Tarek*: Isto não está correto. *Walter*: Sei. *Tarek*: Como é que sabes? Estás fora!»), e de facto o cidadão Walter, por causa do seu estatuto, mesmo que empenhado e comovido, continua a viver (assim leva Mona ao teatro) sem ter medo de ser preso a qualquer altura.

Do ponto de vista técnico, McCarthy faz nesta segunda parte uma mudança sensível que realça ainda mais o desequilíbrio induzido pela encarceração de Tarek: o quadro começa a tremer ligeiramente porque está a ser filmado com a câmara ao ombro. Neste caso, ao contrário do que acontece num certo cinema comercial, não se trata de um efeito gratuito: as personagens começam de facto a sentir o mundo a ruir, começam também a perder o seu equilíbrio.

Apesar do seu desfecho infeliz (Tarek é expulso para a Síria, Mouna segue-o), apesar de evidenciar quão impermeáveis são de facto certas «fronteiras», *The Visitor* contribui para a desagregação de outra «fronteira», muito potente entre nós, a da representação dos migrantes, sobretudo os que são oriundos de países maioritariamente muçulmanos, como sendo incultos, radicais, criminosos. Assim, no filme, Tarek, o sírio, e Zainab, a senegalesa, aparecem como os cidadãos do mundo que Walter não é: falam várias línguas (francês entre eles, mas também árabe e inglês), viajam com facilidade. O seu mundo aparece muito mais matizado do que surge nas representações hegemónicas.

Neste contexto, o tema da conferência na qual participa Walter em Nova Iorque é tudo menos inocente, pois falar de Política Global e Desenvolvimento permite entender as razões que levam milhões de pessoas a arriscar tudo para chegar à Europa ou aos Estados Unidos. Porém, aqui também a perspetiva é subtilmente crítica. Num seminário no qual Walter participa, um conferencista defende que a globalização terá efeitos positivos nos países do Terceiro Mundo (17'26-17'38). Ora, a simples presença de Tarek e Zainab no apartamento de Walter parece contrariar a asserção académica: a globalização neoliberal defendida pelos mesmos que rejeitam a presença de certos estrangeiros entre nós tem, entre outras consequências, uma forte imigração oriunda dos países do Sul. O mérito do filme de Tom

McCarthy é mostrar que longe de constituir um perigo ou uma ameaça, a imigração pode ser uma sorte tanto para os que chegam como para os que já cá estão.

Proposta de exploração do filme

Reflexão Individual

1. Preenchimento do guião de observação que segue em anexo

Reflexão em pequeno grupo

2. Divisão da turma em grupos, cabendo a cada grupo:
 - Identificar as problemáticas que o autor do filme pretende abordar
 - Fazer o retrato físico e psicológico das personagens Walter Vale, o professor universitário; Tarek e Zainab, o casal de imigrantes, tal como nos são apresentadas no início do filme
 - Mostrar a alteração sofrida por estas personagens ao longo do filme
 - Identificar situações em que se verifique violação dos direitos humanos
 - Encontrar outro final para o filme

Reflexão em grande grupo

3. Apresentação das conclusões à turma para debate
4. Registrar uma ou mais mensagens positivas que integrem valores a promover

Para todas as opções terão que apresentar argumentação que sustente as suas posições

Algumas questões que deverão ser focadas durante o debate

- . Políticas de imigração e direitos humanos
- . Racismo e xenofobia/preconceitos étnicos
- . Modelos de vida / estereótipos sociais e culturais
- . Solidão
- . Liberdade
- . Amor, amizade e empatia
- . Solidariedade